

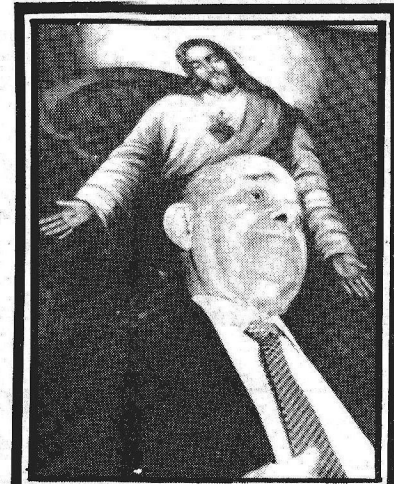
No adeus a Tancredo, dois milhões de paulistas

SÃO PAULO — Foi como se, de repente, um comando silencioso houvesse sido transmitido a mais de dois milhões de pessoas que, emocionadas, tomaram conta dos 12 quilômetros que separam o Instituto do Coração do Aeroporto de Congonhas. O povo de São Paulo, em ordem, com emoção e afeto, se encarregou de transformar o plano formal, hierático, do cortejo de despedida ao Presidente Tancredo Neves, em uma impressionante demonstração de interação emocional com o homem que se transformou em símbolo e esperança dos brasileiros.

Tudo começou logo após a entrada do cortejo — com dois caminhões transportando a imprensa, o caminhão do Corpo de Bombeiros levando o esquife de Tancredo Neves, batido com motocicletas e 40 carros com a família e autoridades — na Avenida Rebouças, saindo do Instituto do Coração. Em número crescente, populares começaram a correr ao lado do caminhão, com bandeiras brasileiras, lenços brancos, formando alas disciplinadas que estimulavam as palmas, as palavras de ordem e o canto do Hino Nacional por parte da multidão que ocupava, desde cedo, os lados da Avenida Rebouças.

Quando o cortejo entrou na Avenida Brasil, milhares de pessoas já cercavam o caminhão com o esquife do Presidente, as motocicletas dos batidores, e os carros da comitiva, liderados pelo que levava D.

Nem tropas nem cordas puderam conter a emoção popular. A massa humana tomou as ruas para, à sua maneira, dizer adeus a Tancredo



★1910 †1985

— A ausência de Tancredo Neves não afetará a sombra de sua personalidade. Ele era mais forte que José Sarney, mas os homens crescem conforme os desafios que lhes são impostos.

E o cortejo seguia em frente, entrando na Av. Rubem Berta, já agora com mais de um milhão de pessoas. E continuavam os coros, como

“ei, ei, ei, Tancredo é nosso Rei”, e o histórico “o povo, unido, jamais será vencido”, passando pelo refrão do Hino da Independência: “ou ficar a pátria livre ou morrer pelo Brasil”, alternadamente cantado e gritado, de maneira impressionante.

Na Rubem Berta, a multidão encontrou a esperada outra massa que, ao longo da avenida, estava desde bem cedo a postos, aguardando a passagem do cortejo. Aqui, a multidão se espalhava pelos viadutos, como o da Av. Indianópolis, pelas laterais gramadas com bandeiras, binóculos, faixas, como as que diziam “Tancredo, sua democracia permanecerá em todos nós” ou “um dia haverá pão para todos, conforme você queria”. Boa parte deste público, que, tenso, com a dor e o desamparo nos rostos, esperou horas para o último adeus ao Presidente, ao ver o mar humano que, à revelia de tudo, arrastava o cortejo fúnebre, se incorporou à festa cívica, engrossando ainda mais a corrente. Um homem jovem, com o filho de 10 anos, Mauro, não soube responder à pergunta da criança:

— Pai, quem vai ser o Presidente agora? Olhar distante, o pai se incorporou em espírito ao cortejo, chorando silenciosamente e deixando o menino sem resposta.

Mas o clímax de tudo ocorreria mais adiante, nas proximidades do Aeroporto de Congonhas. Lá, a multidão que desde as primeiras horas da manhã aguardava a chegada do cortejo, já ocupava os espaços disponíveis, enquanto uma pista da

Av. Rubem Berta estava fechada por soldados da PM e cordões de isolamento. O cortejo chegou à frente do Aeroporto, mas nem as tropas, nem as cordas, puderam conter a massa humana.

A muito custo, o caminhão com o esquife de Tancredo Neves e alguns carros da comitiva conseguiram passar e atingir o acesso ao portão no final da ala nacional. Lá, no pátio de estacionamento vizinho, estava prevista uma parada do cortejo, para as honras militares, do Exército, quando seria dada uma salva de 21 tiros de canhão.

Mas o atraso no programa, que era de quase 40 minutos, e a multidão, que cada vez crescia mais, forçaram a saída do caminhão e dos poucos carros que haviam conseguido vencer a massa humana, logo após a execução da marcha fúnebre e com a salva de tiros apenas iniciada. Isto fez com que nova improvisação acontecesse, pois o cortejo seguiu direto pela pista do aeroporto até a ala oficial, na outra extremidade, onde, finalmente, houve a transferência do esquife, por seis soldados — dois da Marinha, dois do Exército e dois da Aeronáutica — do caminhão dos bombeiros para o Boeing 737 Presidencial. Tancredo Neves, iniciava, então, sua última viagem para Brasília.



Emocionados, os paulistas acompanharam Tancredo do portão do Incor ao Aeroporto de Congonhas, onde D. Risoleta, com as mãos juntas, cumprimenta a multidão



Abafando o som da Marcha Fúnebre, o coro ecoou: “um, dois, três, quatro, cinco, mil, Tancredo continua Presidente do Brasil”

uníssono, já havia decidido qual a melhor homenagem e o coro como se exaustivamente ensaiado, ecoou forte, abafando qualquer outro som: “um, dois, três, quatro, cinco, mil, Tancredo continua Presidente do Brasil.”

Enquanto o cortejo passava, milhares de pessoas, crianças, jovens, velhos, de todas as classes sociais, emocionadas, aplaudiam, gritavam, choravam, acenavam lenços brancos, flâmulas, bandeiras brasileiras, de São Paulo, de todos os partidos políticos, em um mar de cores, onde o verde e o amarelo predominavam. E o povo continuou senhor de tudo.

Contagiados pelo fervor cívico da multidão — considerada pelo Delegado Romeu Tuma, da Polícia Federal, como a maior de todos os tempos em São Paulo, superior à da visita do Papa João Paulo II e dos comícios pelas diretas — as autoridades e convidados desceram do palanque e procuraram se incorporar à massa. Almino Affonso, Secretário de Assuntos Metropolitanos de São Paulo, companheiro de luta e amigo de Tancredo, comentou: